

Projeto AFAM – Formação de Agentes Multiplicadores no Estado do Ceará

KÜSTER, Ângela. Fundação Konrad Adenauer, angela.kuester@kas.de.

Resumo

No âmbito do Projeto Agricultura Familiar, Agroecologia e Mercado (AFAM), coordenado pela Fundação Konrad Adenauer, escritório Fortaleza e co-financiado pela União Européia, foi iniciada, em 2006, a formação de agricultores familiares e de técnicos agrícolas como agentes multiplicadores em Agroecologia em três territórios no Ceará, numa parceria com o Núcleo de Iniciativas Comunitárias (NIC), a Agência de Desenvolvimento Econômico Local (ADEL), o Instituto Sesemar, o Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (CETRA) e o Centro de Ciências Agrárias (CCA), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Até o momento foram formados 182 agentes, além disso, 880 agricultores (as) participaram de cursos específicos, como de manejo ecológico ou empreendedorismo solidário. As metodologias desenvolvidas durante os cursos se mostraram estratégicas para a construção do conhecimento agroecológico de forma participativa e incentivaram a formação de redes regionais de agricultores (as) agroecológicos (as).

Palavras-chave: Construção de conhecimento, Transição agroecológica, Metodologias.

Contexto

O Projeto “Desenvolvimento sustentável da agricultura familiar no Nordeste do Brasil” - conhecido como Projeto Agricultura Familiar, Agroecologia e Mercado (AFAM) - visa a articulação entre diversas organizações não-governamentais e governamentais, instituições de ensino e extensão, que atuam no âmbito da agricultura familiar, buscando estratégias para agriculturas mais sustentáveis, como é proposto pela Agroecologia.

Nesse contexto surgiu a necessidade de formar agentes multiplicadores em Agroecologia entre os agricultores familiares que possam atuar na construção do conhecimento agroecológico nas suas comunidades.

No Ceará existem algumas experiências de formação de agentes multiplicadores, como os Agentes de Agricultura Ecológica (ADAE) da Fundação Cepema e os multiplicadores em Agroecologia formados pelo CETRA ou outras entidades.

No âmbito do Projeto AFAM até o momento foram formadas **seis** turmas, no total **182** agentes, o que permite uma sistematização e avaliação para a construção de metodologias e incentivar um intercâmbio entre instituições de ensino e extensão para a sua consolidação como tecnologia social.

Descrição da experiência

A formação de agentes multiplicadores em Agroecologia pelo Projeto AFAM iniciou com a primeira turma, em setembro 2006, no Maciço de Baturité, onde foram até hoje formadas quatro turmas. Um primeiro curso, no Sertão Central, foi concluído em abril de 2009 e, no Território Vales do Curu e Aracatiaçu, finalizou mais uma turma em maio de 2009. O objetivo geral dos cursos é a construção coletiva dos princípios e práticas da Agroecologia, junto a agricultores e agricultoras familiares, dando prioridade a jovens e mulheres.

Os critérios para a seleção dos (as) participantes são a idade a partir de 16 anos, ter sensibilidade às questões ambientais e sociais, disponibilidade para participar do curso com no mínimo 80% de frequência e o compromisso de compartilhar os conhecimentos com outros (as) agricultores (as),

incentivando a transição agroecológica e a organização em redes.

Foi dada preferência a representantes de associações, sindicatos ou lideranças comunitárias, incluindo também técnicos da extensão rural, estudantes e professores do ensino público municipal. Três cursos no Maciço de Baturité foram realizados na sede do parceiro local do Projeto AFAM, o Núcleo de Iniciativas Comunitárias (NIC), em Barreira, tendo ao lado uma pousada para o alojamento dos participantes.

TABELA 1. Cursos de formação de agentes multiplicadores em Agroecologia

Território	Municípios	Período	Número formado
Maciço de Baturité	Barreira, Pacoti, Mulungu, Redenção, Baturité, Aratuba, Guaramiranga	Setembro 2006 – março 2007	35
Maciço de Baturité	Barreira, Pacoti, Mulungu, Redenção, Baturité, Aratuba, Guaramiranga, Capistrano, Itapiúna, Ocara	Março – agosto 2007	32
Maciço de Baturité	Barreira, Pacoti, Redenção, Baturité, Aratuba, Guaramiranga, Capistrano, Itapiúna, Ocara, Canindé	Abril – setembro de 2008	28
Vale do Curu	Pentecoste, Apuiarés, Umirim e General Sampaio	Novembro 2008 – maio 2009	30
Sertão Central	Quixeramobim e Quixadá	Agosto 2008 – março 2009	29
Maciço de Baturité	Comunidade Pai João/Aratuba	Outubro 2008 – abril 2009	28
TOTAL:			182

Um quarto curso aconteceu numa comunidade de Aratuba, com a participação de duas associações comunitárias. Diversas prefeituras municipais disponibilizaram o transporte dos participantes e três secretários de agricultura chegaram a participar, como alunos, ou em alguns momentos específicos.

O SEBRAE do Maciço de Baturité é parceiro na realização de cursos sobre associativismo e empreendedorismo e o SENAR apóia cursos de beneficiamento de frutos e alimentação alternativa nas comunidades, segundo as demandas, que foram surgindo nos cursos.

No Sertão Central um primeiro curso foi realizado em parceria com o CETRA. Foram atendidas comunidades, que na maioria fazem parte do Projeto Dom Helder Câmara (PDHC), executado pelo CETRA em três municípios da região.

No Território Vales do Curu e Aracatiaçu o curso foi realizado em parceria com a Agencia de Desenvolvimento Econômico Local (ADEL) e o Instituto Sesemar, ONGs da região, contando com o apoio do Centro de Ciências Agrárias da UFC, que disponibilizou a Fazenda Experimental em Pentecoste, onde os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e realizar algumas atividades.

A articulação com as entidades que atuam nas regiões e prefeituras municipais se mostrou estratégica para a construção de parcerias, que vão muito além dos cursos, na viabilização de projetos, que surgiram a partir dos processos de formação.

Os cursos foram desenvolvidos em seis a sete módulos temáticos, realizados mensalmente em dois a três dias. O ponto de partida da formação é a construção do conhecimento agroecológico através do dialogo com a realidade da agricultura familiar de cada região. As aulas expositivas / dialógicas e trabalhos em grupos foram combinados com vivências e práticas. Em quase todos os módulos foram realizadas visitas de experiências de agricultores (as) nas comunidades de cada região, que se tornaram um dos instrumentos mais importantes no processo.

Resumos do VI CBA e II CLAA

Os cursos seguiram uma grade básica com os temas: Princípios da Agroecologia, Passos para a Transição Agroecológica; Convivência com o Semi-Árido; Segurança e Soberania Alimentar; Gestão da Propriedade Familiar; Organização de Cadeias Produtivas e Estratégias de Comercialização na Perspectiva da Economia Solidária.

No fim teve a avaliação e planejamento de atividades de cada agente multiplicador e do grupo, incentivando o trabalho em redes. Este roteiro foi adaptado à realidade de cada local e às demandas dos grupos e os (as) agricultores (as) participaram na definição dos conteúdos, que foram construídos de forma dinâmica.

Desde início foram trabalhados diagnósticos das comunidades e das propriedades com mapeamentos, que permitiram a análise da situação de cada um e o compartilhamento do que tinham em comum. Estes momentos foram muito ricos, especialmente pela descoberta de potencialidades, que não eram tão visíveis para os (as) agricultores (as).

Os mapeamentos foram abordados em vários momentos, levados como tarefa de casa para serem desenhados junto às famílias e verificados nas visitas de campo. O mapa das propriedades e comunidades é também uma ferramenta para o planejamento e monitoramento da transição agroecológica e é utilizado para o planejamento da produção, com o levantamento dos custos e da renda da produção.

Este levantamento é um exercício constante, apenas alguns agricultores têm o costume de anotar seus gastos e ganhos, mas a maioria não tem noção da viabilidade econômica das atividades.

A partir da experiência dos (as) agricultores (as) foram discutidos os conceitos da economia solidária e estratégias de comercialização, apontando para feiras agroecológicas da agricultura familiar.

Atividades práticas foram: produção de mudas, defensivos naturais e fertilizantes; compostagem e manejo do solo; ou oficinas sobre alimentação alternativa com o uso integral de alimentos. Em cada curso teve também a troca de sementes entre os (as) participantes, construindo inícios de casas de sementes.

As visitas de campo foram momentos de intercâmbio com as comunidades e agricultores agroecológicos, que incentivaram os agentes multiplicadores a realizar as suas próprias experiências. Teve intervenções, como no caso da comunidade Irapuã, em Pentecoste, com a construção de uma horta comunitária; ou uma prática de compostagem realizada no assentamento Boa Vista, em Quixadá, Sertão Central.

Mas normalmente a aprendizagem se realizou através da observação, no intercâmbio de experiências e na troca de sementes ou mudas. Os intercâmbios são realizados de forma contínua com os diversos grupos e nos encontros das redes. É a partir das práticas que está se construindo o conhecimento agroecológico.

Resultados

É difícil acompanhar as atividades desenvolvidas pelos multiplicadores. Às vezes se encontra por acaso um ou outro agricultor que teve contato com um desses agentes e iniciou a transição agroecológica, a exemplo de Seu Mesquita, em Barreira, que está participando hoje de um curso de multiplicadores em horticultura, iniciado em abril de 2009, já dando exemplo com sua produção orgânica depois da orientação recebida através de outro multiplicador.

Resumos do VI CBA e II CLAA

No Maciço de Baturité foram construídos dois Centros Agroecológicos (CEAGROS), em Pacoti e em Barreira, por cada uma das turmas formadas. Depois do primeiro curso, que teve uma demanda na produção de flores orgânicas, foram fundadas as Associações de Horticultores e Floricultores (AFLOHRAs) de Barreira, Redenção e Pacoti. A partir dos cursos se formou uma rede de agentes multiplicadores que atuam hoje em todos os 13 municípios do Maciço de Baturité, contando no total 25 comunidades, que iniciaram a transição agroecológica.

O NIC está atualmente implementando 12 hortas comunitárias com recursos do Sebrae Nacional, três quintais produtivos e duas mini-fábricas de processamento de frutos através do Projeto São José da Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado do Ceará. Anualmente está sendo realizado o Fórum de Agroecologia regional e, em 2009, foi criada a Rede de Agroecologia do Maciço de Baturité (RAMAB). Os agentes multiplicadores do Sertão Central já iniciaram, durante o curso, reuniões nas suas comunidades e começaram a orientar seus vizinhos.

No caso do Vale do Curu, o grupo decidiu, já no terceiro módulo, reativar uma horta comunitária numa das comunidades representadas, onde está sendo construído também um viveiro de mudas, criando uma unidade demonstrativa. Em dois municípios estão sendo criadas Feiras da Agricultura Familiar e está se desenvolvendo uma rede agroecológica do Vale do Rio Canindé, onde atuam 12 Associações comunitárias integradas.

Uma das dificuldades encontradas foi a inclusão dos agricultores e técnicos como agentes multiplicadores nas políticas de ATER no acompanhamento das comunidades. No caso dos jovens agricultores, o pagamento de bolsas e diárias poderia mantê-los no campo, desenvolvendo atividades na produção agrícola ou na prestação de serviços aos agricultores familiares.

Possibilidades seriam a produção de insumos (adubo orgânico, fertilizantes, defensivos, sementes) como fontes de renda; ou o apoio na comercialização, com o uso de computador e Internet na contabilidade; elaboração de planos de negócios; e até no marketing e vendas, ferramentas mais acessíveis e atrativas para os jovens.

No caso dos técnicos agrícolas, faz-se necessário viabilizar mais vagas nas prefeituras ou no estado, garantindo o acompanhamento técnico com qualificação em Agroecologia.

Um dos riscos é, portanto, a falta de estímulos para dar continuidade aos processos, que são iniciados com entusiasmo, mas não têm continuidade diante das necessidades individuais de cada um e cada uma dos agentes multiplicadores.

Outro risco é a falta de financiamentos para a implementação dos sistemas agroecológicos. Já existem linhas de crédito específicas (PRONAF Agroecologia, Agrofloresta, Jovem, Mulher) e outros financiamentos, mas o acesso é burocrático, além da falta de informações e orientação.

A realização desses processos de formação tem, portanto, impactos potenciais na difusão da Agroecologia, mas precisam ser integrados a projetos maiores, que garantam acompanhamento técnico dos agentes nas suas comunidades e recursos para a realização das atividades e a implementação de unidades produtivas.

A articulação com as entidades locais, organizações governamentais e instituições de ensino e extensão pode contribuir neste sentido. Além disso, faz-se necessária uma sistematização dessas experiências para afinar as metodologias, produzir material didático e atingir uma maior abrangência.



FIGURA 1. Primeiro grupo de agentes multiplicadores, formados em março de 2007, no Maciço de Baturité. Foto: Arquivo Fundação Konrad Adenauer



FIGURA 2. Multiplicadores do Vale do Curu em visita de intercâmbio à comunidade Sabonete, Apuiarés. Fotos: Arquivo Fundação Konrad Adenauer



FIGURA 3. O mapeamento das propriedades e o planejamento da produção são metodologias utilizadas nos cursos. Fotos: Arquivo Fundação Konrad Adenauer